

Michael Chetry

A ciência e a cidade

entrevista com Christian Topalov

Christian Topalov é sociólogo e diretor de estudos na *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* (EHESS). Durante a primeira parte de sua carreira acadêmica, ele atrelou intimamente trabalho intelectual e engajamento político, contribuindo nesse período para o desenvolvimento da sociologia urbana marxista francesa, da qual ele ainda é um representante reconhecido na América Latina. Desde o fim dos anos 80, ele trabalha com a história das políticas de reforma urbana e social, a sociologia das ciências sociais relacionada com as questões urbanas. Sua obra, que se inscreve em uma postura reflexiva, representa uma abordagem original interrogando em particular a construção histórica das categorias e os objetos da sociologia nas suas relações com a ação.

Christian Topalov recebeu-nos com amabilidade em sua casa em Paris para retratar a sua trajetória, intelectual e pessoal, que o levou a refletir sobre a sua própria prática científica e sobre

as relações entre o mundo acadêmico e a sociedade. Com este testemunho, a revista e-metropolis deseja divulgar no campo da pesquisa urbana brasileira as reflexões de um intelectual, cuja obra nos traz a necessidade de tomarmos consciência de mantermos uma distância crítica em relação a nossos objetos de investigação.

Michael Chetry - Depois de estudos de sociologia, os seus primeiros trabalhos se inscrevem no campo da pesquisa urbana. Como você veio a trabalhar este tema?

Christian Topalov – Foi Pascal, eu acredito, que disse que o trabalho é a coisa mais importante do mundo e o acaso decide-o. O acaso: outro substantivo fundamental para nós sociólogos. Trabalhar sobre a questão urbana é um perfeito acidente biográfico na escala individual e um fato coletivo na escala da geração de pesquisadores que saíram da Universidade na década de

Michael Chetry

é pesquisador do Observatório das Metrôpoles (IPPUR/UFRJ). Possui doutorado em Geografia e Planejamento Urbano pela Université Jean Moulin - Lyon 3 (França) e mestrado em Planejamento Urbano pela Institut d'Urbanisme de Lyon (2004).

chetrym@hotmail.com

1960. A pesquisa urbana, que estava crescendo fortemente na França no sentido de que havia instituições e administrações públicas com recursos bastante consideráveis na época para financiar contratos de pesquisa, atraiu dezenas de pessoas para esta temática que ninguém gostava, especialmente quando estava estudando. Meu primeiro emprego, eu não estava esperando. As pessoas do Ministério das Obras Públicas confiaram aos economistas de grandes escritórios privados a importação para a França do modelo de desenvolvimento urbano fabricado para as cidades americanas, tipo *East Lansing – Michigan*. Numa época, da qual preciso dizer também, os Estados Unidos estavam num período de planificação das áreas metropolitanas em larga escala: era um mundo diferente de hoje. Então, os economistas estadunidenses se puseram a trabalhar para formalizar o crescimento urbano, tentar transformá-lo em equação. As pessoas da nossa administração seguiram esse movimento. Elas tinham fé nos economistas, mas, ao mesmo tempo, se diziam com um ponto de vista diferente sobre tudo isso que poderia ajudá-los, especialmente em relação às questões fundiárias que são sempre um pouco mais complicadas, já que a terra não é um bem como qualquer outro. É nesse contexto que eles vão oferecer um trabalho, através do Centro de Sociologia Urbana, a um jovem sociólogo para estudar os empreendedores imobiliários e tentar entender as suas lógicas de ação¹. De forma bastante natural, muitos de nós começaram a responder a este tipo de questão: como entender sociologicamente o comportamento dos agentes econômicos e, em especial, dos agentes econômicos dominantes, aqueles que faziam a cidade. Outros se interessaram por temas um pouco diferentes, examinando como o poder público (se dizia naquela época “o Estado”) é ator do desenvolvimento urbano. A gente podia muito bem usar o dinheiro que eles nos deram para estudar eles próprios! Daí surgiu toda uma série de trabalhos de Lojkin, Preteceille, Castel, Godart sobre as políticas urbanas. Porém minha área foi mais sobre os atores econômi-

¹ O Centro de sociologia urbana (Centre de sociologie urbaine - CSU) nasceu em 1966 nas bases do Centro de estudo dos grupos sociais (CEGS) criado em 1954 pelo sociólogo Paul-Henry Chombart de Lauwe que tinha como objetivo fundar na França a sociologia urbana. A mudança de nome coincidiu com a saída deste último e uma evolução das questões de pesquisa – do estudo da moradia, da vida de bairro, do uso da cidade para uma sociologia aplicada ao serviço da administração – e do seu funcionamento baseado, a partir de então, essencialmente no mercado de contrato. Entre os pesquisadores que trabalharam no CSU podemos mencionar Paul Rendu, Edmond Preteceille, Monique Pinçon-Charlot, Michel Pinçon, Christian Topalov. O CSU mudou recentemente de denominação para « *Cultures et sociétés urbaine* ».

cos e, portanto, o mercado imobiliário, o mercado fundiário etc.

MC - E, a partir da sua experiência, como você analisa a evolução desta disciplina na França?

CT - Primeiro, temos que levar em conta que os períodos de expansão da pesquisa urbana, como de contração, são fortemente marcados pelas preocupações administrativas sobre essas questões. Estamos atualmente na França, num momento de expansão da pesquisa urbana depois de quinze anos de vacas magras. Mas, não se trata mais da mesma cidade ou da mesma pesquisa que atraiu a minha geração ao sair da faculdade. Em ambos os casos, a cidade estava concebida como em crise, mas a forma que esta crise estava descrita não tinha nada a ver com os enunciados de hoje. É muito interessante, mas pouco animador, constatar que a orientação dos trabalhos de pesquisa é determinada, em todos os casos, por aqueles que têm a profissão de enunciar os problemas, dentre

A orientação dos trabalhos de pesquisa é determinada, em todos os casos, por aqueles que têm a profissão de enunciar os problemas, dentre os quais alguns sociólogos sem dúvida, mas, sobretudo os jornalistas e os políticos.

os quais alguns sociólogos sem dúvida, mas, sobretudo os jornalistas e os políticos. É bem conhecido: na política, aquele que deu um nome a um “problema” já ganhou.

Esse contraste me parece merecer atenção, gostaria de descrevê-lo em algumas palavras. Para entender a pesquisa urbana que se desenvolveu na França entre o fim da década de 1960 e o início da década de 1980, deve-se observar que, na administração do urbanismo, havia alguns altos funcionários preocupados e desejando compreender a crise social em curso: havia o Maio de 1968, havia uma cidade que estava crescendo a um ritmo alucinante e, para eles, na desordem. Eram pessoas que pertenciam a um mundo diferente deste em que nós estamos: eles acreditavam que o Estado tinha um papel importante para introduzir um pouco de racionalidade, de justiça em tudo isso. São essas pessoas que acionaram as ciências sociais para tentar ver como se poderia racionalizar o desenvolvimento urbano. Quando essa onda de pes-

quiza terminou, seus temas centrais, a política urbana e atores econômicos, desapareceram completamente da agenda intelectual. Os sociólogos pensaram que não cabe a eles estudar o econômico e o político, mas sim os modos de vida, as práticas do cotidiano. Estes são temas muito importantes e que haviam sido negligenciados, mas dedicar-se exclusivamente significava também abandonar o campo da economia aos economistas, o que, tal como os militares à guerra, é extremamente imprudente. A sociologia recuou em seu domínio, enquanto no período anterior da pesquisa urbana as fronteiras, tais como as disciplinas as constituem, estavam abertas. Portanto, há uma sociologia econômica que está renascendo, mas que, por razões bastante compreensíveis, não se interessa pelas questões urbanas. Os economistas do *mainstream*, por seu lado, abandonaram o estudo das instituições econômicas, da divisão do trabalho, das cadeias de produção para fazer nada mais do que microeconomia formalizada: então abandonaram também o estudo da cidade. Mesmo que alguns ainda trabalhem com as questões urbanas, regionais, fundiárias, são especialidades pouco consideradas dentro da disciplina. Se você quer ganhar um Prêmio Nobel não é nada disso que se deve fazer. De forma bastante curiosa, a cidade como um objeto econômico quase desapareceu da pesquisa urbana na França. Então, isso significa que não existe mais a economia urbana? Isso quer dizer que a economia não tem mais importância para a cidade? Que os mercados, os preços e os atores não desempenham um papel motor? Claro que não. Significa simplesmente que a agenda mudou.

A nova agenda na pesquisa urbana hoje, nós conhecemos bem. Há pessoas que decidiram que a questão social era uma questão urbana: o “problema das periferias” ou dos “bairros sensíveis”². Não são os primeiros a fazer uma operação intelectual desse tipo claro, sabemos isso desde 1830 mais ou menos, de forma recorrente. Ainda assim, sociólogos e jornalistas decidiram que a nova crise social é uma crise urbana. Desde a década de 1980, uma nova linguagem foi inventada. Os sociólogos - especialmente os discípulos de Alain Touraine na França, aqueles do Antony Giddens do lado britânico - têm desempenhado um papel extremamente importante por dizer que, hoje, o problema da exclusão substituiu aquele da exploração – como o disse o Touraine durante uma jornada de estudo bastante crucial sobre essas

² Tradução das expressões amplamente difundidas “*problème des banlieues*” e “*quartiers sensibles*”. As “*banlieues*” e os “*quartiers sensibles*” designam os bairros populares localizados “fora” da cidade-centro, ou seja, nos municípios periféricos, e que hoje são identificados como os lugares por excelência da exclusão, das desigualdades sociais e da violência.

Uma pesquisa submetida às ordens é uma ideia ruim para a ciência, mas também para a sociedade.

questões em 1990³. Então, estas pessoas decidiram, sem realmente dizer, que o único assunto realmente relevante da pesquisa urbana são os jovens que assustam. Provenientes de famílias populares, eles vivem nas periferias urbanas, eles deixaram a escola sem qualificações, eles têm grandes dificuldades para encontrar qualquer trabalho, seus pais tinham sido trazidos para a França para trabalhar numa fábrica que está fechada hoje: conhecemos muito bem esse quadro apocalíptico. Mas, nos explicam que a gente tem que olhar para isso como um problema “urbano”, um problema de exclusão espacial. Se quisermos financiamentos, se queremos também ser ouvidos, se queremos que os editores publiquem nossos trabalhos, temos que nos dedicar ao “problema das periferias”. É impressionante a maneira como os sistemas sociais nos quais somos envolvidos ditam finalmente aos pesquisadores o que se deve pesquisar e com quais questões e quais categorias de análise deve ser feito. Há pesquisadores que recusam essas obrigações assumidas, decidem estudar outra coisa ou retornam a questão investigando como é que se fala nesses termos do “problema das periferias”. Mas, há, sobretudo, pesquisadores e doutorandos (que não têm escolha se querem obter uma bolsa) que fazem o que lhes é pedido e que vão estudar as periferias e, claro, eles acham o que esperavam encontrar. Devo dizer que isso me deixa irritado porque eu acho que uma pesquisa submetida às ordens é uma ideia ruim para a ciência, mas também para a sociedade. Em vez formular novas questões, que podem ser questões críticas, nós respondemos a questões colocadas pelos outros, isto é, essencialmente pelos políticos e pelos jornalistas. Na reestruturação que enfrenta atualmente a pesquisa na França esta dependência é exacerbada,

³ Alain Touraine é um sociólogo francês cuja obra se inscreve na sociologia da ação. Seus trabalhos se interessaram pela sociologia dos atores e dos movimentos sociais. Nos anos 90, ele participou do surgimento da noção de exclusão na França com o artigo famoso intitulado “*Face à l'exclusion*”, no qual ele avança na hipótese da passagem de uma sociedade vertical, ou seja, de classe, organizada por relações hierárquicas, a uma sociedade horizontal partilhada de forma rígida entre os in e os out, isto é, entre incluídos e excluídos.

Anthony Giddens é um sociólogo britânico conhecido principalmente pela sua releitura do pensamento sociológico clássico, e especialmente pela sua crítica do materialismo histórico de Marx, e pelo desenvolvimento da Teoria da Estruturação, considerada como uma importante contribuição à sociologia contemporânea.

porque a autonomia dos laboratórios, assentada em postos fixos e em recursos recorrentes dados aos laboratórios para ter um programa científico próprio, está desaparecendo a favor de uma única agência que nos faz desenvolver pesquisas por encomenda. Ele tem o monopólio do financiamento, nós temos que obedecer às suas injunções e é assim que nós deixamos de pensar. A nova pesquisa urbana, que produz, apesar de tudo, coisas às vezes muito interessantes, mudou assim totalmente o objeto em relação aos anos 1970-1980. Então, ela também mudou de bibliografia, de metodologia, de antepassados. Quando uma disciplina se reestrutura, imediatamente ela tem que inventar um passado que dá legitimidade ao que ela faz.

MC - Você é sociólogo, mas a história ocupa um lugar importante na sua trajetória intelectual, especialmente como método. Como se passa da sociologia à história?

CT - A história é um meio, e os sociólogos não têm muito de se distanciar das questões que nos são feitas. A ciência em sua relação com a sociedade é isso. Um cientista ganhou, eu penso, em seu projeto tanto intelectual como institucional - essas coisas vão sempre juntas - quando ele conseguiu fazer ele mesmo as perguntas às quais ele vai tentar responder. Nosso ideal, na verdade, é fazer as perguntas e as respostas, e é isso que a história me permite fazer. Trabalhar sobre o passado tem esta grande vantagem de nos obrigar a constatar que as coisas mudam e, portanto, de não considerar tanto as evidências de hoje como certas. Eu faço história no sentido que eu trabalho com objetos tomados no passado, minhas investigações se dão sobre os arquivos, que são o meu "campo", como se diz. Nas instituições científicas francesas, porém, eu nunca serei um historiador, pois não tenho graduação em história. Mas, me convém totalmente ser sociólogo: no fundo, é a mesma coisa.

O passado me interessa por duas razões, uma abstrata e uma mais biográfica. A razão abstrata é aquela a qual eu acabo de me referir, ou seja, que os sociólogos têm poucos meios de tomar a distância correta de seu objeto e mais ainda das perguntas colocadas a este objeto. O que é terrível para nossa disciplina - e Bourdieu finalmente não fez outra coisa que não falar disso - é que todos têm o direito de falar sobre os objetos que falam os sociólogos. Existe uma concorrência intensa para saber quem tem o direito à palavra autorizada ou de autoridade, sobre os objetos dos sociólogos. Essa competição generalizada é a própria democracia, mas coloca a disciplina em dificuldade, pois os meios de serem ouvidos são muito desiguais. Há várias maneiras de lidar com essa situação, uma

delas é ir na direção do vento, outra é praticar a sociologia como um esporte de combate (Bourdieu), outra ainda é recuar-se em sua ciência. Seria mais a minha posição, a tentação a qual eu cedo.

Uma coisa que me impressiona é que as nossas disciplinas "primas", a história e a antropologia, têm princípios básicos que tocam o sinal de alarme quando o pesquisador está prestes a cometer erros cruciais. Os historiadores sabem que eles devem evitar o anacronismo, que é segundo o Marc Bloch "o pior pecado para uma ciência do tempo"⁴. O historiador, quando aprende seu ofício e quando o exerce, sabe do erro a não ser cometido: aplicar ao passado categorias de análise que são as nossas de hoje e que nos impedem de ver o passado como era. Ele tem, portanto, um meio de fazer uma ginástica epistemológica quotidiana. Da mesma forma, os antropólogos dispõem da noção de etnocentrismo: não vamos imaginar que os outros povos pensam como nós, senão não podemos mais ouvir o que eles dizem. E os sociólogos, o que eles têm para se proteger contra suas piores ilusões? Nada. Esse é um grande problema de disciplina. Mas, existem, felizmente, sociologias reflexivas, críticas, construtivistas, provenientes de várias matrizes teóricas que são, em minha opinião, de uma grande fertilidade. Para mim, a solução que adotei foi trabalhar sobre o passado. O passado permite constatar que o presente não é a eternidade e compreender que a maneira de falar do presente é ela própria historicamente determinada. Essa é a história como ferramenta de descoberta, como meio de manutenção de uma postura crítica para um sociólogo.

Há outro aspecto, mais biográfico, que convém mencionar para ser honesto: é a experiência do fracasso do militante comunista que eu era. Meu engajamento com o partido comunista foi posterior a 1968, foi contemporâneo à ascensão da união da esquerda na França. O partido comunista foi a força principal na época, ele queria ter acesso ao governo para mudar o país. Isto é o que chamamos o "programa comum de governo"⁵. Eu sabei a minha camisa com muito en-

⁴ Marc Bloch (1886-1944) foi um historiador francês que contribuiu grandemente para o reconhecimento internacional da escola histórica francesa e para a abertura deste campo as outras disciplinas científicas. Militante da resistência durante a segunda guerra mundial foi executado pelos nazistas.

⁵ O programa comum de governo foi assinado no dia 27 de junho de 1972, entre o partido comunista francês e o partido socialista, criando uma verdadeira força de esquerda na paisagem política francesa. Ele previa importantes reformas nos campos econômico (redução da jornada de trabalho, aumento dos salários, nacionalização etc.), político (descentralização, participação) e, também, militar (política de paz, redução do serviço militar). Rompido em 1977, o programa desempenhara, no entanto, um papel importante na ascensão da esquerda ao poder em 1981, com a eleição de François Mitterand, que

tusiasmo para tentar que tudo acontece. Mas, quando nós ganhamos, nós perdemos como você sabe: a esquerda chegou ao poder em 1981 e em dois anos o governo socialista começou fazer a política inversa para qual ele foi eleito. Eu tinha na época cerca de 40 anos e, durante todo o primeiro momento da minha carreira profissional, misturei muito intimamente o trabalho científico e o engajamento político. Isso não quer dizer que as coisas que escrevi sejam obsoletas: eu não as escreveria da mesma maneira, mas eu não acho que eu tenho que ter vergonha. Estou vendo esses livros como testemunhas de certa maneira de vincular ciência e política, que me parece inimaginável hoje. Essa dolorosa experiência do fracasso dos ideais de esquerda na França é anterior à queda da União Soviética - União Soviética sobre a qual minha geração de comunistas franceses não colocou nenhuma crença, nenhum investimento afetivo. Enfim, tudo isso para dizer que em algum momento, a meio percurso de minha trajetória, foi necessário refletir seriamente: “e agora, o que eu faço?” Esse é o momento do fim da época da pesquisa urbana francesa, aquela na qual os temas da economia urbana e da política pública estavam no centro das interrogações, elas mesmas orientadas para a mudança política.

A partir daí, eu me retirei para a torre de marfim do pesquisador, eu me tornei um professor. Mas o passado, claro, é sempre presente. É uma pergunta que me fez pela primeira vez no Rio, há alguns anos, em 1988 eu acho. Uma moça, claramente perturbada por uma aula que eu dei, veio me perguntar: “Sr. Topalov, você ainda é marxista?” Muito vagamente, eu a respondi: “Moça, por que é tão importante para você ter uma resposta para esta pergunta?” Sua pergunta, no entanto, me perseguiu e me fez pensar muito. Continuam me perguntando, sobretudo na América Latina, onde ainda se lê a *Urbanização Capitalista*. Agora, eu dou uma resposta mais justa, eu acho: respondo que “eu não sou mais marxista, mas ainda sou comunista”. Eu não posso mais acreditar na relação que o Marx e muitos outros cientistas imaginam entre a ciência e a ação, eu desconfio como da praga de uma política que se pretenderia científica: nem para fazer a revolução, nem para fazer a contrarrevolução liberal em curso. Pois o que é “*there is no alternative*” dos ultras do liberalismo, se não uma “política científica”? Mas eu não quero que uma mudança de ponto de vista intelectual, que uma mudança de epistemologia, seja percebida como uma traição dos ideais nos quais eu acreditava e das revoltas que eu ainda sinto e cada vez mais. Assim, você pode ver bem que, nesse contexto, a minha relação com a história é uma forma de responder ao programa intelectual que eu

o aplicara apenas em parte.

mencionei, mas também de escapar do presente, isto é, de não ter que me encontrar na situação de responder às demandas, de responder às perguntas que eu me oponho em seu princípio, e, sobretudo, para as quais eu realmente não penso em ter uma resposta. Eu não acho que a questão do “o que fazer?” esteja nas mãos dos intelectuais: ela está nas mãos das pessoas, das associações, dos sindicatos, dos partidos políticos de transformação social. Eu os escuto e não tenho o ridículo de querer dar-lhes lições.

MC- Nesse processo, se poderia dizer que você está interessado pela história das disciplinas e das ideias relacionadas à cidade mais do que pela história das cidades?

CT - Essa pergunta contém várias dimensões muito interessantes. Trabalhar sobre a história de sua própria disciplina e das ciências sociais em geral é uma espécie de resignação se nos esquecemos o mundo exterior, o mundo real, se você quiser. Eu admito. Ao mesmo tempo, para mim significa continuar minha trajetória anterior em um modo reflexivo, ou melhor, transformar em questões de pesquisa essa espécie de transtorno pessoal que acabei de descrever. Minha pergunta era: “Mas o que aconteceu conosco?” Quando se perde, observe, não é necessariamente porque estava errado, também pode ser porque o adversário era mais forte do que você. Há, em qualquer caso, uma coisa que eu entendi muito rapidamente, refletindo sobre a experiência da década de 1970, e o Michel Amiot me ajudou muito com seu livro *Contre l'Etat les sociologues*⁶. Éramos jovens pesquisadores que criticavam radicalmente o Estado. Ao mesmo tempo, nos respondíamos às perguntas que o Estado nos colocava, ou seja, perguntas que colocam as pessoas que têm uma posição de governo. Éramos então focalizados sobre questões de políticas públicas. Elas pareciam ser questões que surgiam a partir de construções teóricas, mas na realidade, não percebíamos que elas eram dependentes de uma situação histórica, de interações muito precisas entre uma administração e os pesquisadores. É essa situação que fazia com que nós pensássemos de uma determinada maneira, e é essa história que nos guiava quando escrevíamos. Uma vez que descobri isso, achei interessante traba-

⁶ AMIOT, Michel, *Contre l'État, les sociologues. Éléments pour une histoire de la sociologie urbaine en France, 1900-1980*, Paris, EHESS, 1986. Este livro analisa a história da sociologia urbana na França no século XX, destacando o papel do Estado na trajetória dessa disciplina e na definição de seus objetos de pesquisa, especialmente pela importância das encomendas de pesquisa pública sobre o tema da cidade, e a relação complexa e ambígua entre este último e a comunidade dos sociólogos.

Pode-se trabalhar sobre metalúrgicos, sobre médicos, pode-se trabalhar sobre os sociólogos, isso é sempre sociologia.

lhar a fabricação histórica dos objetos da ciência, a maneira como objetos relevantes surgem nas ciências depois de quais interações sociais entre o mundo científico e o mundo da ação. O programa que eu estou tentando desenvolver em termos de história das ciências é exatamente este. Não é um programa de história das ideias ou do pensamento sociológico, o que não me interessa de jeito nenhum. O que me interessa é estudar os cientistas como atores sociais. Existe um livro que faz isso muito bem, aquele de Jean-Michel Chapoulie, cujo título é *La tradition sociologique de Chicago*⁷. Ele diz basicamente no final do livro: “Eu estudei estes sociólogos como um grupo de pessoas fazendo todo tipo de coisas, inclusive livros”. Isso é um muito bom programa de história da ciência. Trabalhar a história das ciências sociais é, para mim, simplesmente, fazer sociologia. Pode-se trabalhar sobre metalúrgicos, sobre médicos, pode-se trabalhar sobre os sociólogos, isso é sempre sociologia. Trata-se de um objeto em particular, mas sobre o qual se aplicam questões que são comuns à disciplina.

MC - Seus trabalhos sobre a história da construção da categoria social do desempregado⁸ e sobre as categorias linguísticas vinculadas à cidade⁹ também fazem parte dessa reflexão sobre a disciplina?

CT - Tem uma relação, claro. Podemos dizer que, pelo menos no século XX, os cientistas patenteados, a quem é concedida à autoridade da ciência, geralmente por instituições do tipo universitário, têm um papel importante na fabricação dos sentidos comuns, da evidência comum. É um pouco suspeito de afirmar isso da parte de alguém que faça parte desse

⁷ CHAPOULIE, Jean-Michel, *La tradition sociologique de Chicago : 1892-1961*, Paris, Le Seuil, 2001. Neste livro, o autor se debruça sobre a Escola de Chicago, estudando a diversidade do perfil dos pesquisadores e dos temas de pesquisa como também as condições da produção sociológica, e avança na tese de que a sua existência resultaria mais de uma lenda do que de uma realidade histórica.

⁸ TOPALOV, Christian, *Naissance du chômeur, 1880-1910*, Paris, Albin Michel, 1994.

⁹ TOPALOV, Christian; COUDROY DE LILLE, Laurent ; DEPAULE, Jean-Charles ; MARIN, Brigitte (dir.), *L'aventure des mots de la ville*, Paris, Robert Laffont, 2010.

meio, pois é talvez dar um peso excessivo ao discurso dos cientistas, enquanto existem outras forças sociais em jogo. Mas é realmente impressionante constatar que há maneiras de falar e de pensar que saem desse mundo muito estreito que é o nosso e que são retomadas pelos atores sociais para fazer alguma coisa. Os exemplos são infindáveis, eu tomarei um no pensamento neoliberal que nos governa doravante. Um pensador como Milton Friedman, nos anos de 1960-1970, considerava-se como um marginal incompreendido que pregava no deserto perante os economistas completamente perdidos na idolatria de Keynes. Esses economistas neoliberais permaneceram algum tempo isolados e, um dia, houve o golpe de Estado no Chile. Tudo estava pronto, intelectualmente e tecnicamente, para que os *Chicago Boys* chegassem à Santiago e começassem a sua primeira experiência de liberalização violenta. Virão a seguir Thatcher, Reagan, Mitterrand, Helmut Schmidt. Não quero dizer que foi Milton Friedman que deu o poder a finança mundializada: é a finança que o tomou. Esse economista foi apenas o “homem certo, no lugar certo” porque ele tinha fabricado as ferramentas cognitivas que permitiam agir. Poderíamos mencionar outros exemplos de menor magnitude. Quando eu trabalhei na criação da categoria “desemprego”, é o mesmo tipo de problemática que pode ser utilizada. Mesma coisa para o programa *Les mots de la ville*, que se interrogou sobre como as categorias lexicais contribuem para organizar a experiência humana da cidade e, portanto, como os atores se colocam em relação aos objetos urbanos, os compreendem, os categorizam, os avaliam e, em seguida, agem.

MC - Nesse contexto, a criação da revista *Génèses* é uma etapa importante para consolidar este campo de pesquisa¹⁰. Qual é a origem do projeto?

CT - Isto é verdade. A revista *Génèses* mostra de forma concreta que o que eu estou falando aqui não é uma história individual, mas concerne a muitas pessoas em diversas disciplinas. A antropologia, por exemplo, ilustra muito bem essa postura reflexiva. Tradicionalmente, quando o antropólogo faz seu trabalho de

¹⁰ A revista *GÉNÈSES* (“Gêneses”) é uma revista francesa de ciências sociais e de história fundada em 1991. Seus fundadores, dos quais faz parte Christian Topalov, são provenientes de disciplinas variadas tais como a história, a sociologia, as ciências políticas, a economia ou ciências jurídicas. Com o objetivo de contribuir a uma história social das ciências da história e da sociedade, a revista procura compreender as sociedades contemporâneas à luz da história, restituir os processos que as moldaram e desenvolver uma história das ciências sociais.

não teriam provavelmente o pequeno sucesso mediático que têm se não tivessem esse ponto de apoio. Há também os centros da nebulosa reformista, que são, por exemplo, a fundação *Saint Simon* ou *Terra Nova*, na esquerda da direita ou na direita da esquerda¹⁸. Os “especialistas” que a mídia gosta acumulam geralmente vários papéis. Somos professores na Universidade, temos uma vaga na administração, pertencemos a um *brain trust*, combinamos papéis de consultoria, de especialista, de pensador, de profeta. Somos o bobo da corte em alguns aspectos. Os detentores do poder, altos funcionários ou promotores imobiliários, precisam de vez em quando que alguém os desperte. Ter um lugar na Universidade, um lugar na administração e um lugar no Partido Socialista, é uma configuração que faz com que um geógrafo ou um urbanista possa ser ouvido. Talvez seja uma coisa muito boa que os intelectuais sejam ouvidos. Sim-

¹⁸ A Fundação Saint-Simon era um clube de reflexão, fundado em 1982 e dissolvido em 1999, que reuniu a elite dirigente liberal (personalidades políticas, altos funcionários, tecnocratas, jornalistas e empresários) com o objetivo de desenvolver a análise do mundo contemporâneo.

Terra Nova é um think tank progressista, independente, fundado em 2008 e tendo como objetivo produzir e disseminar soluções políticas inovadoras na França e na Europa.

plesmente, quando tentamos fazer história, ficamos menos entusiasmados porque percebemos que para sermos ouvidos temos que falar a língua que convém. Os especialistas no campo da cidade têm a impressão que em um ou dois pontos, o que eles dizem é muito importante, o que eles dizem não é ouvido e deveria ser. Todos os nossos colegas que entram nesse jogo da competência intelectual têm todas as suas ideias apresentadas. É talvez um sinal de liberdade, mas, novamente, para ser ouvido, tem que ficar dentro da conversa reformista: se jamais aborda assuntos que estão fora do escopo, então, não é ouvido. Na economia isso é espetacular, existem aqueles que têm o direito de falar e aqueles que falam em vão. Os economistas heterodoxos, os institucionalistas, os regulacionistas que podiam falar antes foram marginalizado pelo *mainstream*. Nas instituições da ciência econômica, aqui na França, se estabeleceu um dogmatismo radical. Hoje, na televisão, são sempre os mesmos especialistas que dizem aquilo que se espera deles. Mais eles erram, mais eles são convidados novamente. Em urbanismo, é um pouco diferente: claro, é melhor falar sobre o desenvolvimento sustentável, mas enfim, tudo bem, há um pouco menos de terrorismo do pensamento único! ■

campo, ele se emerge numa aldeia, numa sociedade, numa cultura, e esforça-se para ser esquecido, fazer como se não estivesse ali. Ele encontra um informante que lhe diz coisas, ele observa o que acontece, ele está feliz. Mas o que os antropólogos têm entendido doravante é que quando eles chegam numa aldeia ao norte da Costa do Marfim, por exemplo, eles se tornam imediatamente um ator político para essa aldeia. Isso parece óbvio dito desta forma, mas não o foi para uma antropologia tradicional pouco reflexiva. Essa conscientização, de que o campo é uma situação interativa, teve consequências maravilhosas para o trabalho dos antropólogos e desempenhou um papel muito importante por refração sobre outras disciplinas. De forma análoga, os historiadores da estatística conseguiram produzir um grande choque, dizendo que isso com o que estamos medindo são ferramentas de natureza convencional forjada pela história¹¹. Então a reflexividade surgia em toda parte. Isso foi a origem de *Gênese*. Aliás, eu tenho algumas dificuldades para perceber quais seriam os movimentos científicos que teriam ocorrido desde então e que teriam implicado uma mudança de mesma magnitude. Talvez isso seja um ponto de vista de geração, mas acho que o surgimento das ciências sociais reflexivas foi um momento muito importante, e não apenas na França. Alguns dos melhores trabalhos de antropologia reflexiva vêm do Brasil.

O título dessa revista, quando pensamos nisso, é epistemologicamente duvidoso. Basicamente, “Gênese” sugere que vamos nos dar como tarefa compreender a gênese do tempo presente. É interessante porque permite tornar esse tempo presente histórico, isto é, relativizá-lo, ter uma postura crítica em relação às evidências do momento. Mas, ao mesmo tempo, trata-se de uma relação com o passado que pode ser criticada, porque, no final das contas, os atores da vida social ou política, há um ou dois séculos, imaginavam como possíveis outros futuros do que aquele que se produziu. E se olharmos o presente deles apenas como aquele que gerou o nosso, perdemos de vista o campo de possibilidades que os faziam agir e esquecemos no programa de investigação empírico de tentar entender o que eles queriam fazer. Pode haver aqui uma verdadeira tensão intelectual, esse título não po-

¹¹ Um dos iniciadores deste movimento foi Alain Desrozières (1940-2013), historiador, sociólogo e estatístico, que ingressou na revista *GÊNESE* em 1995. Este pesquisador desenvolveu uma reflexão crítica sobre a fabricação e os usos das estatísticas, em particular as categorias sociais, como ferramentas de conhecimento e de governo, chamando para uma análise socio-históricas da quantificação. Seus trabalhos tiveram uma influência importante na sociologia, na economia, como em todos os campos científicos que mobilizam o uso das nomenclaturas e classificações.

deria ser melhor. O que se queria promover era um lugar de expressão e de desenvolvimento das ciências sociais do tipo reflexivo, atentas à gênese histórica de categorias de descrição e de constituição do mundo social, de categorias cognitivas próprias de nossas disciplinas, também atentas à inscrição dos cientistas no mundo social.

MC - Nós descrevemos a evolução da pesquisa urbana e, em particular, do caso francês. Como se pode explicar a trajetória de mudanças na maneira de pensar, mas também nos objetos de reflexão sobre a cidade?

CT - Eu prefiro o termo “compreender” ao termo “explicar” porque eu fico mais à vontade com um programa científico que consiste em tentar entender o que aconteceu em vez de decidir porque isso aconteceu desta maneira. Eu acredito que há duas famílias de resposta, para tentar entender as mudanças de objetos da pesquisa urbana. Há coisas que se passam dentro da ciência, no pequeno mundo dos cientistas, e que podem ser descritas esquecendo o resto do mundo. Em relação à sociologia e às ciências humanas em geral, podemos falar, por exemplo, da ascensão na década de 1950 de um paradigma enraizado na linguística saussuriana, que foi chamado de “estruturalismo” e era associado às abordagens extremamente globais do mundo social¹². Enquanto não analisávamos o conjunto do sistema, pensávamos que não tínhamos feito nada. Levis Strauss precisou de todos os mitos do mundo para poder começar a deduzi-los a partir de uma combinatória, de um sistema de transformação generalizado¹³. Precisa-se descrever um grande número de sistemas de parentesco peculiares para poder entender como eles também resultam de uma combinatória. Hoje, na própria linguística, esse tipo de abordagem deu lugar a uma linguística pragmática que se interessa exatamente por aquilo que Saussure havia deixado de lado, ou seja, a fala, o ato da linguagem. Então, houve um deslocamento epistêmico, o momento estrutural do estudo da linguagem dando lugar a um estudo dos

¹² Ferdinand de Saussure (1857-1913) foi um linguista suíço que fundou o estruturalismo em linguística que procura entender toda língua como um sistema, ou seja, um conjunto formal de relações.

¹³ Claude Levi-Strauss (1908-2009) foi um antropólogo francês que transpôs o estruturalismo à análise dos fenômenos na antropologia contribuindo assim ao desenvolvimento dessa corrente nas ciências humanas. Seus principais trabalhos focaram-se na análise das relações de parentesco nas sociedades « primitivas » e, em seguida, nos mitos do mundo pelos quais ele desenvolveu um modelo de interpretação global.

contextos e das situações de elocução, de formas não linguísticas de comunicação etc. Poderíamos observar para a sociologia um movimento bastante paralelo no qual, digamos, o estudo de macroestruturas sociais - e neste aspecto o vocabulário do marxismo é nada mais do que uma das modalidades de descrição disponíveis para esta escala - foi substituído por uma sociologia mais etnográfica, mais local, mais micro. Coisas semelhantes têm acontecido na história: a história econômica e social, considerada esgotada, deu lugar a abordagens micro-históricas. Podemos, eu creio, tentar responder à sua pergunta observando, tão finamente quanto possível, esses movimentos, suas cronologias, seus efeitos e sua difusão.

Mas também podemos ver as coisas a partir de uma perspectiva totalmente diferente, e olhar os tipos de demandas que são submetidas às nossas disciplinas no mundo social. Entretanto, eu não acredito de jeito nenhum que existe uma “demanda social” dirigida à ciência: como já disse, os cientistas no século XX fazem as perguntas e as respostas ou, pelos menos, constroem as demandas com o poder estabelecido. Oppenheimer trabalhava na fissão nuclear bem antes de ser solicitado para fazer uma bomba atômica. Esse é um exemplo extremo dessa circularidade, mas mesmo em relação a objetos menos explosivos, estamos numa situação semelhante. O que é interessante, não é apenas olhar como os cientistas colocam seus paradigmas em crise e os reconstróem, mas como eles se engajam nos processos de reforma, isto é, nos processos que conduzem a fechar o espaço dos possíveis em política. De acordo com as épocas estabelecem-se gamas de possibilidades que são radicalmente diferentes. Como isso se produz? Para tomar um exemplo atual, a geografia é particularmente afetada por esse tipo de deslocamento. É o surgimento da temática do meio ambiente. Já houve a religião do progresso e da justiça, hoje há a religião da natureza e do meio ambiente. Isso tem consequências significativas nas ciências, especialmente na geografia. Quantos programas de ciência social sobre o desenvolvimento sustentável? Todos concordam que se deve cuidar disso prioritariamente, mas por que esse acordo? A resposta parece simples: o planeta está se aquecendo e se continuar vamos todos morrer. Como esta resposta não satisfaz um espírito científico cabe perguntar como esses novos sentidos comuns foram construídos? Esse é um objeto de investigação das ciências sociais: os sentidos comuns. Como você pode ver, eu uso o vocabulário de Bourdieu, que, aliás, contribuiu muito para a minha formação.

MC - Na América Latina, vários dos seus trabalhos foram publicados,

incluindo *La Urbanización Capitalista*, em 1979¹⁴. Como você analisa o importante desenvolvimento da sociologia urbana marxista na América Latina?

CT - *La Urbanización Capitalista* é, na verdade, um curso de três meses que eu lecionei no México em 1978. Como eu não falava espanhol quando aceitei fazê-lo, eu escrevi o curso e fiz a tradução com a ajuda de amigos. Colocaram-me um pouco como representante da sociologia urbana marxista francesa, então, fiz uma síntese dos trabalhos recentes dessa “escola”. A sociologia urbana marxista francesa tornou-se um recurso valioso para muitas pessoas, certamente no México e na Argentina e, eu creio, durante algum tempo também no Brasil. Voltando à sua pergunta, eu faço parte dos sociólogos que sabem responder “eu não sei”. Nosso trabalho consiste em fazer investigações e uma vez que a investigação foi feita, nós temos coisas a dizer, antes, é melhor ficar calado. Então, eu não sei muito bem o porquê do sucesso dessa sociologia na América Latina. Porém, tenho algumas intuições. Existiu uma escola de sociologia urbana marxista francesa. Como essa escola nasceu? Acontece que algumas pessoas se sentam em torno de uma mesa, um professor e estudantes muitas vezes, e formam uma escola: Durkheim, Bourdieu etc. Mas esse não foi o caso dessa escola. Ela nasceu, poderíamos dizer, em 1970 no Congresso Mundial de Sociologia de Varna, na Bulgária, quando pesquisadores britânicos e estadunidenses, sociólogos, geógrafos,

Eu faço parte dos sociólogos que sabem responder “eu não sei”. Nosso trabalho consiste em fazer investigações e uma vez que a investigação foi feita, nós temos coisas a dizer, antes, é melhor ficar calado.

economistas, olharam para nos e disseram: “mas vocês são a nova sociologia urbana marxista francesa!” É frequentemente através de um tal jogo de espelho, de olhares cruzados transfronteiriços, que “escolas” tomam forma. Isso também acontece, mais recentemente, entre a França e os Estados Unidos, de um modo mais engraçado, com a *French Theory*. Trata-se de uma mistura, nesse caso completamente surpreen-

¹⁴ TOPALOV, Christian, *La urbanización capitalista*. Algunos elementos para su análisis, Mexico, Edicol, 1979. Disponível em : <http://fr.scribd.com/doc/52839153/Topalov-La-Urbanizacion-Capitalista>.

dente, Lacan, Foucault, Bourdieu, Deleuze etc. que foi fabricada nos departamentos de *cultural studies* dos campus norte-americanos. Tem um livro muito bom de François Cusset que abrange essa fabricação da etiqueta¹⁵. Nesse domínio, o construtivismo e a refletividade são de grande utilidade. O que se chama de fluxo de ideias é muitas vezes essa fabricação recíproca de objeto em interação transfronteiriça. Na minha opinião, a pesquisa urbana marxista francesa foi fabricada nestas condições: havia radicais nos centros de pesquisa britânicos e nos campus estadunidenses que queriam construir um apoio, dizendo que na França tinha uma escola importante.¹⁶ Todo mundo colabora nessa história. Um dos aspectos do sucesso científico é a fabricação de aliados e as notas de rodapé são um dos locais onde os reunimos. Assim, a “sociologia urbana marxista francesa” é um objeto construído na interação anglófona-francófona que começou a circular. Manuel Castells tem desempenhado um papel muito importante na difusão desse objeto na América Latina, por causa da sua hispanidade. Era então um jovem pesquisador vindo do Estado espanhol e estabelecido na França. Em seu seminário vinham pessoas de toda a América Latina. Outro aspecto desse fenômeno são as relações de forças linguísticas entre o francês e o inglês, que não eram as mesmas na década de 1980 e hoje em dia. Também, a França era um país de refúgio para pessoas fugidas das ditaduras argentinas e brasileiras, em especial: pesquisadores vieram para a França e nos encontraram. Portanto, há muitos elementos que contribuíram para que essa sociologia fosse importada e utilizada na América Latina.

Pode-se observar que, nesse tipo de análise, eu não deixo espaço para a excelência ou para o conteúdo da ciência que circula. Deve-se sempre olhar para esses fenômenos a partir dos lugares de importação. Para que esse objeto serve no país que o importa? Por que, dentro do conjunto de recursos disponíveis, as pessoas iam até lá e faziam suas compras? Para essa pergunta eu não tenho resposta: são mais vocês o seus anciãos que sabem. Outro aspecto da questão é aquele das transformações que os importadores operam sobre o que eles escolheram importar. É importante observar isso porque quando um objeto viaja, ele muda, ele não é o mesmo que no ponto de origem. Daí outro aspecto do fenômeno de circulação: os deslocamentos cronológicos. É a questão que levan-

tei anteriormente: “professor, você ainda é marxista”? Essa é também uma ilustração dos deslocamentos que inevitavelmente acompanham os fenômenos de transposição de objetos culturais, de deslocamentos múltiplos: o objeto mudou de natureza a partir do momento que ele foi importado e não nós encontramos nas mesmas temporalidades no lugar de produção e no lugar de importação. E há muitos exemplos desse fenômeno. Nós não paramos de discutir a “Escola de Chicago” na Inglaterra na França ou no Brasil, mas nos Estados Unidos esse assunto não interessa a quase ninguém. Podemos entender por quê: nas conjunturas europeias, essa “escola” era uma ferramenta relevante para o posicionamento científico de algumas correntes sociológicas.

MC - Uma última pergunta sobre a posição do pesquisador que você menciona em filigrana nos seus trabalhos é como você percebe a situação do Brasil, onde os mundos da pesquisa e da ação estão fortemente interligados, particularmente no campo da cidade, em comparação com a sociedade francesa onde a segmentação entre essas duas esferas é muito importante.

CT – Mais uma vez, vou lhe dar minhas impressões, e não resultados de investigações. Sempre me surpreendeu que alguns colegas brasileiros - Luiz César para tomar um exemplo familiar - sejam constantemente entrevistados pelo jornal O Globo etc.¹⁷ Isso não acontece na França, mesmo com pesquisadores da mesma visibilidade. Alguns o lamentam profundamente, mas os meios de comunicação não querem eles, a menos que se digam em dois minutos exatamente as coisas que o jornalista espera. Precisaria haver uma investigação para verificar quais são os pesquisadores que tiveram uma pequena audiência no campo dos estudos urbanos. Parece-me que na França, isso é devido, principalmente, às instituições às quais eles estão ligados e às redes de relações associadas a estas. Existem instituições consideradas úteis pela mídia, como *Sciences Po*. Alguns pesquisadores

¹⁵ CUSSET, François, *French Theory. Foucault, Derrida, Deleuze & Cie et les mutations de la vie intellectuelle aux Etats-Unis*, Paris, La Découverte, 2003.

¹⁶ Nos anos 1960, os *campi* estadunidenses foram o palco de revoltas estudantis e o ponto de partida de um movimento de contestação chamado de novo radicalismo, dentro do qual o marxismo terá uma influência crescente.

¹⁷ Luiz César do Queiroz Ribeiro é coordenador do Observatório das Metrópoles, grupo de pesquisadores trabalhando em rede que desenvolvem estudos comparativos sobre as 15 principais metrópoles brasileiras. Junto com Christian Topalov, desenvolveu um programa de pesquisa em torno do nascimento do urbanismo, focando-se na trajetória de importação de conceitos, objetos e enunciados da França ao Brasil no campo da questão urbana. Ver RIBEIRO, L.C. de Q., PECHMAN, R. (orgs.). *Cidade, povo e nação. Gênese do urbanismo brasileiro*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.